

# Negação, prosódia e foco em diálogos do alemão

Selma Meireles e Hardarik Blühdorn

Syntactic negation and particularly the position of the negative particle *nicht* are challenging themes not only for learners of German as a foreign language, but also for teachers and researchers of the grammar of German. This paper gives an overview of recent studies related to negation in Modern German. In its main part, it presents results of empirical research on the relationship between syntax and prosody in the field of negation.

**Keywords:** negation; prosody; focus; topic; German language; stress.

## 1 Introdução

A negação sintática em alemão e principalmente a posição da partícula *nicht* na frase é um ponto de constante dificuldade para aprendizes brasileiros do alemão como língua estrangeira. Tais dificuldades não decorrem, porém, pela inexistência de padrões comuns de negação sintática em ambas as línguas, mas sim pela diversidade de fatores que concorrem para determinar a posição de *nicht* na sentença. A negação em alemão é condicionada a diversas regras morfológicas, sintáticas, semânticas e prosódicas, dando origem a um grande número de sutis possibilidades de expressão, as quais, por vezes, escapam mesmo a falantes nativos.

Neste artigo, apresenta-se um breve panorama de estudos relacionados com a negação em alemão e sua dificuldade para os aprendizes brasileiros, bem como uma nova linha de investigação das relações entre a partícula *nicht* e a prosódia em diálogos do alemão.

## 2 Negação sintática em alemão: dificuldades para os falantes de português

Em um estudo anterior<sup>1</sup>, partindo de um *corpus* de língua falada em alemão<sup>2</sup> e português<sup>3</sup>, foram analisados exemplos de enunciados semanticamente negativos que apresentavam, em nível sintático, ao menos um dos elementos de negação “tradicionais” listados nos compêndios de gramática (por exemplo: *não, nunca, nada; nein, kein, nicht* etc.). Em português, o operador *não* mostrou-se responsável por quase 90% de todas as ocorrências, confirmando-se como o “advérbio de negação por excelência”<sup>4</sup>, sendo a forma *não* + *verbo* responsável por mais de 50% dos casos. Em alemão, há uma distribuição mais equilibrada entre as formas sintáticas mais utilizadas, a saber: a forma *verbo* + *nicht* (preponderante, com um total de 40%), a forma *nein* (com 25% das ocorrências) e a forma *verbo*+*kein*+*SN* (*sintagma nominal*) (com 16,66%)<sup>5</sup>.

Os processos de negação em cada língua são bastante semelhantes: há a

Área de Alemão –DLM/FFLCH-USP, Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, 05508-900, São Paulo, SP, Brasil. [selmamm@usp.br](mailto:selmamm@usp.br); Institut für Deutsche Sprache, Postfach 10 16 21, D-68016 Mannheim, Alemanha, [bluehdorn@ids-mannheim.de](mailto:bluehdorn@ids-mannheim.de).

possibilidade de um elemento negativo representar toda uma sentença negativa; há a possibilidade de negar toda a proposição, com ou sem elemento focal, de excluir um dado elemento dessa proposição ou ainda de assinalar que uma qualidade ou estado não se aplica a um termo da proposição. Essa semelhança dos processos de negação semântica contribui em parte para a possibilidade de interferências entre as duas línguas, pois os elementos sintáticos utilizados para expressá-los não são sempre correspondentes. Um brasileiro provavelmente identificará seu padrão de negação predominante *não* + *verbo* com a forma *verbo* + *nicht*, podendo utilizar esta última de modo exagerado em alemão. Ele também terá dificuldades em apreender as condições de uso das formas *nein* e *verbo* + *kein* + *sintagma nominal*, pois, apesar de uma aparente semelhança com as formas *não* + *verbo* e *nenhum/a* não há uma “correspondência direta” para essas formas em português<sup>6</sup>.

Grande dificuldade para os aprendizes é o posicionamento adequado do elemento negativo *nicht* na frase. Falantes brasileiros têm tendência a identificar *nicht* com o operador “não”, que, em português, é fortemente ligado ao verbo, assumindo sempre uma posição proclítica, conforme destacado por Ilari *et alii*<sup>7</sup>. Assim, em português, não haveria possibilidade de distinguir, sintaticamente, entre as diversas possibilidades apresentadas a seguir para o alemão:

- a) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren.*  
(= eles não foram para casa ontem, ficaram aqui)
- b) *Sie sind nicht gestern nach Haus gefahren. (sondern vorgestern)*  
(= eles não foram para casa ontem. (e sim anteontem))
- c) *Sie sind gestern nicht nach Haus gefahren. (sondern zum Hotel)*  
(= eles não foram para casa ontem. (e sim para um hotel))
- d) *Sie sind gestern nach Haus nicht gefahren. (sondern geflogen)*  
(= eles não foram para casa de carro ontem. (e sim de avião))

Nas traduções em português, nota-se a posição fixa de *não*, proclítica ao verbo, enquanto o *nicht* alemão apresenta maior mobilidade dentro da sentença, conforme apontado por Koller<sup>8</sup>, sendo normalmente posposto ao verbo (ao contrário do *não* em português), e posicionado antes do termo a ser excluído, apresentando várias possibilidades de colocação, como mostram os exemplos.

Em tais casos, considera-se, tradicionalmente, que haveria uma variação no escopo da negação, o qual seria então determinado por meio do contexto. No entanto, diversos trabalhos (Stickel<sup>9</sup> e Jacobs<sup>10,11</sup>, entre outros) mostram que esta não é uma questão de escopo, mas sim do foco. De acordo com estes autores, enquanto o escopo da negação abrange sempre pelo menos a proposição como um todo, o foco indica quais constituintes devem ser substituídos a fim de tornar a afirmação aceitável.

A partir dos exemplos acima, pode-se notar a determinação do foco da negação pelo deslocamento de *nicht* em alemão. Desse modo, falantes brasileiros têm grandes dificuldades em posicionar o elemento *nicht* de forma correta, pois ainda entram em jogo diversas variáveis, como entoação e expressões complementares (cf. p.ex. Stickel<sup>12</sup>; Engel<sup>13</sup>).

Tais dificuldades foram confirmadas em um experimento realizado com alunos do curso de Letras-Alemão da Universidade de São Paulo, no qual foram solicitados a traduzir frases simples do português para o alemão<sup>14</sup>. As traduções foram comparadas àquelas feitas por um grupo de controle constituído por falantes nativos de alemão, sendo consideradas “não adequadas” as traduções que não seguíam aquelas propostas pelo grupo de controle. As maiores dificuldades dos estudantes

encontraram-se, como esperado, no uso de *nicht* e *kein* e na colocação de *nicht* na frase em casos de negação referente a partes da proposição (negação de constituintes), como nos exemplos apresentados anteriormente.

Em português, a negação de constituintes (também denominada *Sondernegation* em alemão) é expressa principalmente através do complexo *não + verbo + SN / adj. / adv.* O operador *não* tem sua posição fixa antecedendo o verbo e o foco não é marcado sintaticamente, mas sim através da entoação e do contexto. Como os estudantes não dispunham de quaisquer pontos de apoio sintáticos em sua língua materna, tiveram grandes dificuldades em posicionar adequadamente o elemento *nicht* na frase no alemão, o que levou a uma elevada porcentagem de traduções não adequadas. A grande maioria dos estudantes selecionou a forma sintática negativa no alemão em analogia com a forma predominante no português (i.e. *verbo + nicht*) e deixou a delimitação do foco totalmente a cargo do contexto. Embora a porcentagem de traduções adequadas aumente no decorrer da aprendizagem, o número de traduções não adequadas ainda permanece muito alto até o último semestre da graduação.

### 3 A negação em alemão

Os compêndios de gramática alemães adotam uma abordagem sintático-semântica da negação, dedicando-lhe um tópico especial e abordando os diversos elementos com os quais se manifesta. Praticamente o mesmo tratamento é dispensado à negação tanto em compêndios de gramática específicos para uso de falantes estrangeiros (como, por exemplo, a *Kurze deutsche Grammatik für Ausländer*<sup>15</sup>) como em obras de consulta padrão para falantes nativos (como a *DUDEN Grammatik*<sup>16</sup>), o que nos leva a crer que alguns casos neles destacados, como a colocação de *nicht* e a diferenciação entre negação de sentença e de constituinte, também oferecem problemas ao falante nativo, ou ao menos não são considerados totalmente intuitivos. Praticamente todos dedicam ao menos um capítulo à discussão do posicionamento de *nicht* nas sentenças e há ainda uma vasta bibliografia sobre o tema da negação, que também aborda a questão do *nicht* em particular.

As gramáticas existentes apresentam informações extremamente simplificadas e, em consequência, frequentemente incorretas. São principalmente incorretas as regras que proíbem de antemão determinadas colocações de *nicht* na frase. Na verdade, *nicht* pode assumir praticamente qualquer posição entre os principais constituintes sintáticos da frase (*Satzglieder*)<sup>17</sup>:

(1a) *Peter hat das Auto gestern in die Werkstatt nicht gefahren. {sondern geschoben}*

(1b) *Peter hat das Auto gestern nicht in die Werkstatt gefahren. {sondern es in die Waschanlage gebracht}*

(1c) *Peter hat das Auto nicht gestern in die Werkstatt gefahren. {sondern heute}*

(1d) *Peter hat nicht das Auto gestern in die Werkstatt gefahren. {sondern das Motorrad}*

(1e) *Nicht Peter hat das Auto gestern in die Werkstatt gefahren. {sondern Maria hat es dorthin gebracht}*

Certamente, a frase será interpretada semanticamente e acentuada de formas diversas a partir da posição de *nicht*, o que, por sua vez, influencia o seu significado e sua interpretação pragmática, aqui indicados pelas complementações entre chaves. A

posição correta de *nicht* é determinada pelo contexto no qual cada sentença será utilizada, ou ainda, de acordo com as necessidades informacionais do interlocutor e as conclusões às quais ele deve chegar. As nuances de sentido resultantes podem ser, muitas vezes, bastante sutis.

As dificuldades em se obter uma correspondência única ilustram novamente o fato de que, assim como acontece com a negação em geral, o posicionamento de *nicht* não está subordinado apenas a parâmetros sintáticos ou proposicionais, englobando questões mais complexas como foco e intenção do falante, além do papel da entoação, um elemento ainda pouco explorado em tais contextos.

Uma das primeiras obras a abordar profundamente a questão da negação em alemão foi o livro *Untersuchungen zur Negation im heutigen Deutsch* de Stickel (1970), ainda hoje citação obrigatória em todos os estudos que se dedicam ao tema. Stickel analisa a negação no alemão atual, considerando-a como uma categoria lingüística que se manifesta em várias expressões, as quais mantêm sempre determinadas relações sintático-semânticas com outras unidades lingüísticas. Assim, a negação não é considerada uma categoria sintática,

(...) i.e. uma classe de formas marcada através de sua colocação na estrutura de expressão de sentenças, mas antes como um fenômeno em princípio semântico, uma categoria do que se quer comunicar (*Mitzuteilendes*), que se manifesta em diversas formas de expressão<sup>18</sup>.

Jean Marie Zemb, em seu artigo “zur Negation” (1979) levanta considerações sobre a negação em alemão que fogem da abordagem tradicional, afirmando que as dificuldades encontradas pelos estudiosos da negação decorrem da falta de uma abordagem eficiente da afirmação<sup>19</sup>. Para Zemb, a negação consiste em que uma determinada coordenação predicativa seja considerada inadequada e, por isso, rejeitada<sup>20</sup>.

Partindo desse pressuposto, elabora o esquema *Thema-non-Rhema*, onde *Thema* equivale àquilo sobre o qual o locutor faz a afirmação (*Satzgegenstand*) e *Rhema* equivale à afirmação feita sobre o *Thema* (*Satzaussage*), enquanto a negação é explicitada por um predicador. Assim, a posição dos elementos negativos na sentença marca a fronteira entre tema e rema<sup>21</sup>. Suas sugestões reafirmam o *status* da questão da negação como um ponto lingüístico complexo e controverso, merecedor de maiores investigações, e a necessidade de abordagens menos convencionais para a sua investigação.

Enfocando especificamente a negação, Hentschel, em seu livro *Negation und Interrogation – Studien zur Universalität ihrer Funktion* (1998), extrapola a visão sintática tradicional e apresenta importantes considerações sobre universais da colocação de elementos negadores em diversas línguas, discutindo a situação ambígua do alemão como língua SVO (sujeito–verbo–objeto) ou SOV (sujeito–objeto–verbo) e suas implicações para a colocação dos elementos negadores na frase, procedendo a uma detalhada análise quantitativa e qualitativa de um *corpus* em alemão.

No caso de *nicht*, sua colocação é analisada separadamente em orações principais e subordinadas, estudando os elementos que se lhe seguem, desde complexos verbais até quantificadores. Na análise das orações principais são estudadas suas relações com os elementos que ocupam o campo inicial (*Vorfeld*), além de elementos focais e

quantificadores, e a diferença de uso entre *nicht* e *kein*. Para os casos de *Sondernegation* ou ‘negação contrastiva’, a autora propõe a seguinte abordagem:

Negação contrastiva deve ser avaliada (...) como um fenômeno de tema–rema e não como uma manifestação própria e específica da negação. A colocação do negatizador, assim como a colocação de uma partícula modal ou ainda, em muitos casos, a colocação de um advérbio, marca a fronteira entre tema e rema. Assim como se pode marcar a distribuição entre tema e rema em orações não negativas através da adição de orações como *und nicht...* (...), pode-se operar em orações negativas com a adição de orações com *sondern* (...) <sup>22</sup>.

Sob esse ponto de vista, as dificuldades de prever o posicionamento de *nicht* na frase poderiam ter sua origem no fato de que tema e rema não são definidos *a priori*, mas sim, dependem da situação comunicativa e das intenções do falante (segundo a perspectiva funcional da frase da escola de Praga, *tema* é a parte da sentença que menos acrescenta para o processo de comunicação, enquanto o *rema* porta o mais alto grau de dinamismo comunicativo <sup>23</sup>). Vemos também que o estudo de Hentschel reforça a observação de Zemb a respeito do posicionamento de *nicht* entre tema e rema.

A maioria dos estudos sintáticos sobre a negação e o posicionamento de *nicht* na frase alemã faz menção a elementos não-sintáticos como “ênfase”, “foco”, “informação nova”, “acento frasal”, deixando claro que uma interação de fatores sintáticos, semânticos, textuais e prosódicos é necessária para um melhor entendimento dos mecanismos da negação sintática. Mais recentemente, novos estudos adotam essa postura e sugerem outras abordagens.

Aqui, é obrigatório citar os trabalhos de Jacobs <sup>24,25</sup>, que fazem uma clara distinção entre escopo e foco da negação: escopo é um conceito semântico que indica o alcance da ação de um operador. No que se refere à negação, o seu escopo é pelo menos o todo da proposição (o verbo conjugado e seus complementos), podendo ainda abranger, facultativamente, outros operadores semânticos (p.ex.: verbos e partículas modais, indicações de tempo e causa etc.). Jacobs estuda a questão de como se pode reconhecer a hierarquia dos operadores semânticos e de como essa hierarquia é marcada sintaticamente.

A isso, soma-se a focalização como mais um componente da informação. Cada sentença tem ao menos um foco informacional, que é o componente de maior peso em termos de informatividade (em termos clássicos, o *rema*). Na linguagem falada, o foco é marcado pelo acento principal da frase.

#### 4 Negação, foco e prosódia

Contudo, de acordo com Jacobs, o foco não é pré-determinado; seu posicionamento está sempre relacionado a um operador semântico ou pragmático, ou seja, ele não é o foco da sentença, mas sim do operador. Entre os vários operadores passíveis de focalização está a negação. Isto significa que, em sentenças negativas, o foco pode indicar os constituintes nos quais está o erro, mas isto não é sempre necessário, já que o foco dessas sentenças pode ser determinado por outros operadores. Quando o foco se origina da negação, isto pode ser geralmente reconhecido através de modificações na ordem normal dos elementos na sentença, ou através de modificações na sua acentuação normal. Em outras palavras, cada negação tem um

escopo, que abrange ao menos a proposição e, às vezes, também alguns outros operadores semânticos, mas nem toda negação tem um foco.

Nos casos de negação sem foco, temos a negação normal da frase (*Satznegation*); quando a negação tem um foco, este marca o constituinte da sentença que deveria ser alterado para que a afirmação fosse aceitável (*Sondernegation* – negação de constituintes). O foco da negação transmite assim uma informação que extrapola o escopo da negação. A *Sondernegation* (ou negação com foco, marcada, entre outras formas, pelo posicionamento de *nicht* na sentença) é, portanto, mais informativa que a simples negação sentencial. Esta abordagem de Jacobs, desenvolvida primeiramente em seu livro de 1982, ampliada em seus trabalhos sobre foco (principalmente 1984<sup>26</sup> e 1988) e compilada em seu artigo de 1991, revolucionou a literatura sobre negação e foco na Alemanha.

O foco é marcado também por modificações na estrutura entoacional. A entoação é um fenômeno fonético associado à acentuação e uma de suas funções é estruturar um enunciado informacionalmente através da proeminência [*Hervorhebung*], entendida como:

(...) a marcação de um elemento em uma oração através de determinados parâmetros entoatórios, aos quais pertencem principalmente a variação de altura [*pitch – Tonhöhenbewegung*] e a acentuação, mas também a intensidade e a duração dependentes da qualidade da vogal (...). O elemento destacado entoacionalmente é o centro da proeminência (...). Ao invés da denominação “centro da proeminência” aparece, em diversos estudos da estrutura informacional, a denominação *foco*<sup>27</sup>.

Em 1991, Uhmman<sup>28</sup> publicou um livro sobre fonologia do foco, no qual investigou as regras sintáticas que determinam os constituintes do foco. Na prosódia, o acento frasal marca uma sílaba exata como expoente de foco, mas este geralmente se refere não somente à sílaba, mas a constituintes maiores como uma palavra, um sintagma ou mesmo vários sintagmas. Basicamente, apenas o constituinte que detém o acento frasal pode ser considerado foco, mas o foco pode também ter um tamanho mais amplo e algumas sentenças são ambíguas com relação a isso. No entanto, há ainda limitações sintáticas a serem consideradas. O livro de Uhmman teve grande influência na discussão sobre foco e também, indiretamente, nas reflexões sobre a negação.

Em seu livro de 1997, Büring aborda a semântica do tópico e do foco, aproximando a discussão sobre foco à antiga discussão sobre tópico e sujeito e propondo um novo esquema para a estrutura informacional de sentenças:

Fraser		
Fundo		Foco
Tópico	Fundo não-tópico	Foco

O foco é, como já vimos, marcado pela proeminência fonética, ou seja, o acento principal que é determinado por uma combinação de parâmetros como variação da frequência fundamental, da intensidade, duração e qualidade da vogal. Para o alemão, os estudos parecem indicar que a variação da frequência fundamental (*Grundfrequenz*) é o parâmetro mais importante para caracterizar o acento frasal,

sendo os demais secundários (cf. p.ex.: Kohler<sup>29</sup>, Thein<sup>30</sup>, Isacenko/Schädlich<sup>31</sup>). Em alemão, este acento é geralmente descendente e posicionado ao final da frase.

O restante da sentença é o assim chamado *fundo* (*Hintergrund*), o qual geralmente se posiciona à esquerda, ou seja, antes do foco. No fundo pode-se encontrar facultativamente um tópico marcado por um acento secundário (ascendente). O tópico não é informação nova, é considerado como conhecido ou presente no contexto, mas não é selecionado arbitrariamente. Ele ancora a sentença no discurso prévio e indica sobre o que se está tratando no momento<sup>32</sup>. O fundo remanescente (não-tópico) é desprovido de acento.

Na parte não-tópica do fundo, costumam-se encontrar partículas modais e, freqüentemente, a partícula negativa *nicht*, nos casos em que não é acentuada. Assim, o estudo de Büring também influencia indiretamente a reflexão sobre a negação e remete à observação de Zemb sobre a relação entre negação e estrutura informacional (tema-remata).

Vale notar que, embora as noções básicas tenham sido exemplificadas aqui em nível da sentença, a unidade da estrutura informacional é sempre o enunciado, que pode extrapolar os limites da frase. Assim, quando se menciona o acento principal, trata-se sempre do acento principal do enunciado, e não necessariamente de uma única sentença.

Blühdorn utiliza a estrutura de tema-remata aliada à noção de focalização para investigar o posicionamento de *nicht* na frase alemã, baseando-se na distinção entre sintagmas nominais referenciais e não-referenciais. No caso da negação de constituintes (*Sondernegation*), considera que ela é indicada através de acentuação especial e reorganização dos membros da oração/sintagmas<sup>33</sup>. A posição de *nicht* e a atribuição de seu acento determinam seu foco. Expressões referenciais posicionam-se antes de *nicht*, expressões não-referenciais depois dele. Expressões referenciais à direita de *nicht* são focalizadas<sup>34</sup>.

## 5 Posição de *nicht* e prosódia em diálogos do alemão

A hipótese levantada por Blühdorn deu origem a um estudo empírico<sup>35</sup> a partir de um *corpus* formado por três diálogos do Banco de Dados do Alemão Falado do IDS (*Datenbank gesprochenes Deutsch*), que visava investigar a relação entre a posição de *nicht* e os acentos de foco e tópico em diálogos em alemão. Os diálogos do *corpus* são gravações de conversas autênticas entre diversos falantes sobre temas variados e foram analisados com o *software* de análise acústica *Praat*, a fim de possibilitar a marcação dos acentos de tópico e foco. Foram encontradas 120 ocorrências de *nicht* no *corpus*, as quais foram catalogadas de acordo com a sua posição em relação aos acentos de tópico e foco.

Moroni e Blühdorn propõem uma correspondência básica entre acento ascendente (marcação de tópico) e acento descendente (marcação de foco) em enunciados em alemão, utilizando a seguinte notação<sup>36</sup>:

/AKZ = acento ascendente, acento de tópico

AKZ\ = acento descendente, acento de foco (fechamento da frase entoacional)

/AKZ\ = acento ascendente-descendente, acento de foco (pode também ser utilizado como recurso de ênfase; fechamento da frase entoacional)

Nos exemplos apresentados a seguir, os acentos de tópico estão assinalados como “ascendentes” ( / ) e os acentos de foco como “descendentes” ( \ ) ou “ascendente-

descendentes” ( / \ ) nas sílabas correspondentes. As sílabas portadoras de acento (AKZ = *Akzentsilbe*) são transcritas em maiúsculas.

Quanto ao posicionamento de *nicht* em relação ao foco (F) e ao tópico(T), há nove possibilidades de distribuição, as quais podem ser divididas em três grupos com referência à sua posição relativa ao núcleo (foco) da frase:

**A) *nicht* pré-nuclear:**

- (i) *nicht* /F\
- (ii) *nicht* /T F\
- (iii) /NIGHT F\
- (iv) /T *nicht* F\
- (v) /T /NIGHT F\

**B) *nicht* pós-nuclear:**

- (vi) /F\ *nicht*
- (vii) /T F\ *nicht*

**C) *nicht* com acento focal:**

- (viii) /NIGHT\
- (ix) /T NIGHT\

A análise do *corpus* apresentou as seguintes ocorrências por tipo de posicionamento:

**Tipo A:**

- 5 ocorrências de *nicht* anterior ao acento de foco, sem acento de tópico na frase entoacional (subtipo i)
- 19 ocorrências de *nicht* no *onset* de uma frase entoacional (antes do acento de tópico – subtipo ii);
- 12 ocorrências de *nicht* como portador de um acento de tópico (subtipo iii);
- 29 ocorrências de *nicht* entre acentos de tópico e foco (subtipo iv)
- 15 ocorrências de *nicht* acentuado entre acentos de tópico e foco (subtipo v);

**Tipo B:**

- 18 ocorrências de *nicht* no *offset* de uma frase entoacional (após o acento de foco, sem tópico na frase – subtipo vi);
- 6 ocorrências de *nicht* no *offset* de uma frase entoacional (após o acento de foco, com tópico na frase – subtipo vii);

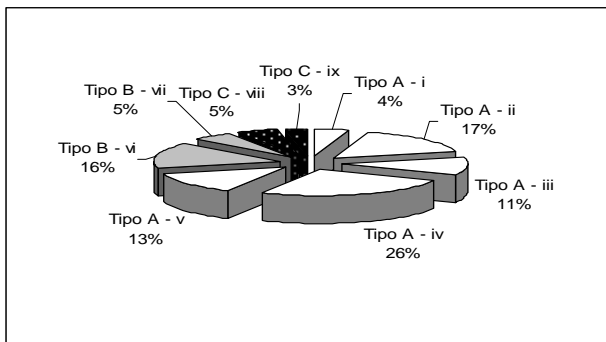
**Tipo C:**

- 6 ocorrências de *nicht* como portador do acento de tópico e foco (subtipo viii)
- 3 ocorrências de *nicht* como portador do acento de foco (subtipo ix)

Houve ainda cinco ocorrências de *nicht* sem acento de foco na frase entoacional (fragmentos em que houve a interrupção do enunciado antes de sua conclusão) e duas ocorrências de *nicht* em perguntas negativas, nas quais não se trata realmente de uma negação. Estas sete ocorrências não foram consideradas para este estudo.

Assim, para um total de 113 ocorrências de *nicht* analisadas, houve a seguinte distribuição entre os diversos tipos e subtipos:





	TIPO A	TIPO B	TIPO C
Subtipo i	4%		
Subtipo ii	17%		
Subtipo iii	11%		
Subtipo iv	26%		
Subtipo v	13%		
Subtipo vi		16%	
Subtipo vii		5%	
Subtipo viii			5%
Subtipo ix			3%
<b>Subtotais</b>	<b>71%</b>	<b>21%</b>	<b>8%</b>

No que se refere ao posicionamento de *nicht* com relação ao acento de foco, ou o núcleo da frase entoacional, estão presentes os três grandes grupos já mencionados. O tipo **A** – *nicht* pré-nuclear – foi responsável por quase três quartos das ocorrências no *corpus* (71%); o tipo **B** – *nicht* pós-nuclear – vem em segunda posição, com um quinto das ocorrências (21%), enquanto *nicht* com acento focal (tipo **C**) está muito pouco representado (8%). Estes resultados apontam para a posição pré-nuclear de *nicht* como a sua colocação padrão em relação ao foco da sentença.

O tipo A corresponde ao esquema básico de negação preconizado por Hentschel e Zemb (*tema – negação – rema*) e sua massiva ocorrência no *corpus* reforça o seu papel de protótipo da negação em alemão. No entanto, este estudo mostra que há ainda outras possibilidades, não mencionadas na literatura referente à negação em alemão, que também estão presentes de forma significativa na comunicação.

Com relação aos acentos de tópico e foco, todas as nove possibilidades de posicionamento da partícula *nicht* estiveram representadas no *corpus*, embora com diferentes freqüências de ocorrência. Os subtipos mais representados são, em ordem decrescente:

- subtipo **A-iv**: /T nicht F\ (26%)
- subtipo **A-ii**: nicht /T F\ (17%)
- subtipo **B-vi** /F\ nicht (16%)
- subtipo **A-v**: /T /NICHT F\ (13%)
- subtipo **A-iii**: /NICHT F\ (11%)

O exame dos cinco subtipos mais comuns continua indicando a posição pré-nuclear de *nicht*, situado entre os acentos de tópico e foco, como prototípica, sendo o **subtipo iv**, o “caso ideal” apontado por Zemb, o mais freqüente em todo o *corpus*.

A maioria dos exemplos do tipo B (*nicht* pós-nuclear) no *corpus* é de verbos focalizados que ocupam a segunda posição da sentença (posição obrigatória em orações principais afirmativas no alemão): como *nicht* não pode ocupar a primeira posição da oração, é forçado, por estas restrições sintáticas, a ser posicionado após o foco.

Quanto às ocorrências de *nicht* em posição pós-nuclear, ou seja, após o acento de foco, o constituinte a ser negado (i.e. o constituinte sintático que se segue a *nicht*) se encontra inteiramente no fundo não-tópico do enunciado, sendo apresentado, portanto, como dedutível a partir do contexto ou ainda como não importante para a comunicação naquele momento. Nos exemplos a seguir, retirados do *corpus*, pressupõe-se que uma proposição negativa deve ser apresentada, e o constituinte que recebe o acento de foco transmite uma informação que ainda falta no contexto negativo pressuposto (Blühdorn 2006)<sup>37</sup>. A pressuposição é de que alguém não vá fazer alguma coisa (proposição negativa), e o acento focal marca a informação adicional:

*{Das sollte man nicht tun. Wird er es tun?}*

*(na) das /TUT\ er **nicht** (ja)*

*das wird er /AUCH\ **nicht** tun*

Apesar de poder receber acento tanto de tópico como de foco, *nicht* permanece, na maioria das vezes, não acentuado (63% das ocorrências), no fundo da sentença. Nos casos de *nicht* acentuado, o acento de tópico é o mais freqüente (35% do total de ocorrências), (apenas 7% das ocorrências apresentam *nicht* como foco).

No caso de *nicht* focalizado, Blühdorn considera que existe um *Falsum-Fokus* (focalização da não-verdade da proposição)<sup>38</sup>, ou seja, transmite-se a informação de que uma proposição já conhecida, pressuposta ou dedutível a partir do contexto (entre chaves, no exemplo) não se aplica, como no seguinte exemplo do *corpus*:

*{sie haben die Weltmeisterschaft geschafft}*

*die /WELTmeisterschaft haben sie **NICHT**\ geschafft*

## 6 Considerações finais

A partir da análise do *corpus*, constatou-se que a partícula *nicht* interage com a acentuação do enunciado, podendo receber acento de tópico ou de foco, ou ainda fazer parte do fundo. Também foi possível identificar as diversas possibilidades de colocação de *nicht* quanto aos acentos de foco e de tópico e estabelecer sua freqüência de ocorrência em diálogos autênticos em alemão. Apesar de a amostra ser ainda bastante restrita, pode-se afirmar que *nicht* ocupa prototipicamente uma posição no fundo do enunciado e anterior ao foco, apresentando ou não um acento de tópico, e que, apesar de existir a possibilidade, *nicht* recebe muito poucas vezes o acento focal. A colocação mais freqüente foi a de *nicht* como fundo não-tópico, posicionado entre tópico e foco.

Tais resultados vão ao encontro da tese de que a negação atua como fronteira entre a informação conhecida (tema / fundo) e a nova (rema / foco), mas mostra que ela também pode ocupar outras posições no enunciado, embora em poucas ocasiões. Os casos de *nicht* pós-nuclear ou focalizado são devidos a fatores sintáticos como a focalização do verbo em segunda posição) ou pragmáticos, nos quais a negação se

refere menos ao valor de verdade das proposições apresentadas do que serve como um marcador que indica ao interlocutor como ele deve ativar as pressuposições presentes ou dedutíveis no contexto da comunicação.

A pesquisa empírica corroborou parcialmente a hipótese de Blühdorn sobre o posicionamento básico de expressões referenciais (determinadas, conhecidas ou pressupostas) à esquerda de *nicht* e expressões não-referenciais (indeterminadas, não conhecidas, a serem introduzidas) à sua direita, assim como o conceito de *Thema-non-Rhema* de Zemb, porém, deixou claro que o fenômeno é muito mais complexo e abrangente. Constataram-se aqui, estatisticamente, as possibilidades de colocação de *nicht* em relação à prosódia da frase, mas ainda não há estudos concretos sobre os efeitos de tais colocações em termos semânticos e pragmáticos.

A negação continua sendo um dos sistemas mais complexos da gramática alemã. Para o falante não-nativo, é uma tarefa ambiciosa e talvez impossível tentar apreender perfeitamente todas as diversas possibilidades de uso do *nicht*. No entanto, pode ser útil estar a par do tipo de fatores que influenciam a posição de *nicht* na frase alemã.

## Referências bibliográficas

- <sup>1</sup> MEIRELES, S. *A negação sintaticamente explícita em diálogos falados do português e do alemão* (Dissertação de mestrado não publicada), São Paulo: FFLCH/USP, 1991.
- <sup>2</sup> STEGER, H.; ENGEL, U. & MOSER, H. (Org.). *Heutiges Deutsch - Reihe II - Texte - Texte deutscher gesprochener Standardsprache I* (1971) e II (1974) München: Max Hueber.
- <sup>3</sup> CASTILHO, A. T. de & PRETI, D. (Org.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. I (1986) e II (1987), São Paulo: T.A. Queiroz.
- <sup>4</sup> ILARI, R. et alii. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.) *Gramática do Português Falado - Volume I: A Ordem*, Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1990, 131.
- <sup>5</sup> MEIRELES, S. A negação sintática em diálogos do alemão e do português do Brasil. *Pandaemonium Germanicum - Revista de Estudos Germânicos*, 2001, 5, 157.
- <sup>6</sup> BLÜHDORN, H. Zur Negation im Deutschen und im Portugiesischen: *nicht* und *kein*, *não* und *nenhum*". In *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 2002, 29, 287ss.
- <sup>7</sup> ILARI, R. et alii. *op. cit.*
- <sup>8</sup> KOLLER, E. Äquivalente Negierungen im Deutschen und Portugiesischen. *Sprachwissenschaft*, 1988, 13 (1/2), Heidelberg.
- <sup>9</sup> STICKEL, G. *Untersuchungen zur Negation im heutigen Deutsch*, Braunschweig: Vieweg, 1970.
- <sup>10</sup> JACOBS, J. *Syntax und Semantik der Negation im Deutschen*, München: Fink, 1982.
- <sup>11</sup> JACOBS, J. Negation. In: STECHOW, A. v. & WUNDERLICH, D. (Orgs.). *Semantik. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*, Berlin: de Gruyter, 1991, 560-596.
- <sup>12</sup> STICKEL, G. *op. cit.*
- <sup>13</sup> ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik.*, Heidelberg: Groos, 1988.
- <sup>14</sup> MEIRELES, S. Mögliche Interferenzprobleme brasilianischer Lernender bei der syntaktischen Negation im Deutschen. In: RALL, D. & RALL, M. (Org.). *Actas de VIII Congresso Latinoamericano de Estudios Germanísticos*, México D.F: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996, 430-433.
- <sup>15</sup> HELBIG, G. & BUSCHA, J. *Kurze deutsche Grammatik für Ausländer*, Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie, 1980.
- <sup>16</sup> DUDEN. *Die Grammatik* (Duden Band 4), Mannheim: Bibliographisches Institut & Brockhaus, 2005.
- <sup>17</sup> BLÜHDORN, H. Die Stellung von *nicht* im deutschen Satz und ihr Zusammenspiel mit der Satzbetonung (manuscripto), Mannheim: IDS, 2006.
- <sup>18</sup> STICKEL, G. *op. cit.*, p.1.

- <sup>19</sup> ZEMB, J. M. Zur Negation. *Sprachwissenschaft*, **4**, 1979, 183.
- <sup>20</sup> Idem, p. 178.
- <sup>21</sup> ZEMB, J. M. *Vergleichende Grammatik Französisch-Deutsch*, Mannheim: Bibliographisches Institut, 1978, 675.
- <sup>22</sup> HENTSCHEL, E. *Negation und Interrogation – Studien zur Universalität ihrer Funktion.*, Tübingen: Niemeyer, 1998, 131.
- <sup>23</sup> CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. (Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, 251s.
- <sup>24</sup> JACOBS, J. *Syntax und Semantik der Negation im Deutschen*, München: Fink, 1982.
- <sup>25</sup> JACOBS, J. Negation. In: STECHOW, A. v. & WUNDERLICH, D. (Orgs.). *Semantik. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Berlin: de Gruyter, 1991, 560-596.
- <sup>26</sup> JACOBS, J. Funktionale Satzperspektive und Illokutionssemantik. *Linguistische Berichte*, **91**, 1984.
- <sup>27</sup> THEIN, M. L. *Die informationelle Struktur im Englischen*, Tübingen: Niemeyer, 1994, 155.
- <sup>28</sup> UHMANN, S. *Fokusphonologie. Eine Analyse deutscher Intonationskonturen im Rahmen der nicht-linearen Phonologie*, Tübingen: Niemeyer, 1991.
- <sup>29</sup> KOHLER, K. J. *Einführung in die Phonetik des Deutschen.*, Berlin: Erich Schmidt, 1995, 118.
- <sup>30</sup> THEIN, M. L. *op. cit.*, 155s.
- <sup>31</sup> ISAČENKO, A. & SCHÄDLICH, H. J. Untersuchungen über die deutsche Satzintonation. *Studia Grammatica*, **7**, 1966, 12.
- <sup>32</sup> BÜRING, D. *The meaning of topic and focus: The 59th street bridge accent*, London / New York: Routledge, 1997, 55.
- <sup>33</sup> BLÜHDORN, H. Zur Negation im Deutschen und im Portugiesischen: *nicht* und *kein*, *não* und *nenhum*. *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, **29**, 2002, 274s.
- <sup>34</sup> Idem, p. 273.
- <sup>35</sup> MEIRELES, S. & BLÜHDORN, H. A posição de *nicht* em sentenças alemãs em relação ao foco e ao acento frasal (manuscrito). Mannheim: IDS, 2005 (intercâmbio de pesquisadores com auxílio Fapesp/DAAD, processo nr. 04/12767-5).
- <sup>36</sup> MORONI, M. *Modalpartikeln an der Schnittstelle zwischen Syntax und Prosodie*. (Tese de doutorado não publicada), Verona: Università degli Studi di Verona, Facoltà de Lingue e Letterature Straniere, 2006, 118.
- <sup>37</sup> BLÜHDORN, H. Die Stellung von *nicht* im deutschen Satz und ihr Zusammenspiel mit der Satzbetonung (manuscrito). Mannheim: IDS, 2006.
- <sup>38</sup> *Ibidem*.